

## A EXCÊNTRICA FAMÍLIA DE ANTÔNIA: O GÊNERO NAS SUAS MULTIPLAS ABORDAGENS

Adalberto Ferdnando Inocêncio<sup>1</sup>  
Eliane Rose Maio Braga<sup>2</sup>  
Márcio de Oliveira<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo trará uma análise multifacetada do filme “A excêntrica família de Antônia”, que foi escrito e dirigido pela diretora holandesa Marleen Gorris no ano de 1995. O filme retrata a vida de uma geração de mulheres, focalizando a vivência da protagonista na fazenda da família, tendo como as relações femininas, as quais serão aqui consideradas na ótica midiática, educacional e uma possível relação com o que se entende por meio ambiente, relações consideradas enriquecedoras, à medida que disseminam possibilidades levantando a questão de gênero sob diferentes eixos temáticos.

Palavras-chave: Mídia; Meio Ambiente; Gênero, Educação.

### INTRODUÇÃO

Elaborar um artigo abordando um tema polêmico é muito prazeroso quando vemos pela ótica do desafio. Escrever linhas acerca de tais temas nos traz a felicidade e o contentamento de estar dividindo um conhecimento nem sempre dominado por grande parcela dos estudantes. Pensando nisso, elaboramos este artigo enunciando algumas

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Professora Doutora Orientadora do presente artigo. Atua no Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>3</sup> Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá.

idéias acerca da relação entre mídia, meio social e gênero, bem como suas relações com a educação e espaço escolar.

Devemos pensar que são “nas relações sociais que se constroem os gêneros, incluindo aí a escola, a família, o grupo de amigades, a mídia” (ANDRADE, 2004, p. 108). Daí a importância de demonstrar as inter-relações entre o meio social, gênero e mídia, visualizando, também, o âmbito educacional.

Acreditamos que os pensamentos acerca de alguns temas – como preconceito, por exemplo – são, também, construídos socialmente. Depende do que o sujeito ouve durante a sua vida e como percebe que as pessoas a sua volta tratam do assunto. Nesse sentido, a mídia exerce grande importância.

Mídia e educação fazem parte do universo da cultura, produzindo modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo, produzindo, reforçando e veiculando uma gama de ensinamentos às pessoas (ANDRADE, 2004, p. 109).

Nessa conjuntura analisamos também que a mídia é um material muito rico para os encaminhamentos de conteúdos escolares, ou não, e saberes aos alunos e a outras pessoas. A comunicação audiovisual pode engrandecer a absorção de conhecimentos, idéias, conceitos. Por meio dessa ferramenta, podemos entender mais profundamente, por exemplo, como era a vida durante a ditadura militar no Brasil ou como se dão as relações de gênero na sociedade.

E qual a importância de se estudar gênero? Falar de gênero é falar de masculinidades e feminilidades (HENRIQUES; BRANDT; JUNQUEIRA; CHAMUSCA, 2007, p. 16). Houve uma época em que somente as ações masculinas eram as corretas, as mulheres deveriam obedecer cegamente às ordens dos homens. Porém, percebemos várias mudanças acerca destes fatos. As ações das feministas têm ganhado maior visibilidade, visto que o papel da mulher na sociedade vem mudando. Sobre isso, Henriques; Brandt; Junqueira; Chamusca (2007, p. 11) afirmam que:

Questões concernentes a gênero (e mais especificamente a mulheres) [...] têm obtido avanços relativamente mais expressivos. Isso, em grande medida, resultou do empenho dos movimentos feministas que, a partir da década de 1970, conseguiram promover ações pontuais dentro das escolas (HENRIQUES; BRANDT; JUNQUEIRA; CHAMUSCA, 2007, p. 11).

Partindo das considerações, o presente artigo está dividido em três capítulos. Neste momento, faremos as delimitações dos mesmos.

O Capítulo 1, intitulado *A Mídia e o Cinema: diálogos para uma valorização da cultura*, trata da ação do filme para a apreensão de idéias e saberes. É mostrado que o recurso audiovisual pode representar situações e ações diferentes, fazendo com que muitas pessoas construam seus hábitos, moda, costumes, inclusive personalidade.

O Capítulo 2, *Gênero e Meio Ambiente: possíveis abordagens*, discute o quão o meio ambiente influencia nas decisões e caracterizações ontogenéticas. Uma pessoa, por meio de suas características, pode dizer muito a respeito do ambiente social o qual ela vive.

O capítulo 3 que leva como título *Gênero: conceituando o debate*, aponta algumas idéias a respeito do tema gênero. Afirmando que suas relações são formadas socialmente, levando em consideração, desta forma, não somente a caracterização biológica. Importante salientar que disputas que envolvem o que é ser masculino e o que é ser feminino, fizeram com que esse termo tenha sido utilizado de forma diferente, em diferentes lugares e ocasiões.

Por fim, as considerações finais fecham as idéias deste trabalho, não a fim de encerrar a discussão, mas despertar interesse e sede pela busca de novas informações sobre a temática em questão.

## 1. A MÍDIA E O CINEMA: DIÁLOGOS PARA UMA VALORIZAÇÃO DA CULTURA

O cinema é uma das manifestações culturais, políticas, históricas e midiáticas que se endereça e aproxima das diferentes áreas do conhecimento para configurações de leituras e representações na mídia. As narrativas cinematográficas trazem em seus discursos temas tratados ou silenciados pela sociedade, inclusive pelo espaço educacional. Seu uso nesses contextos é valorizado para a disseminação de discussões sobre as representações midiáticas e como elas comunicam aos espectadores os modos de agir, pensar e se inserir em cada grupo social como, entre eles, às mulheres. Santomé (2008) mostra a expressão do que se espera do gênero na sociedade, pois

[...] o fato de que o cinema que se produz na atualidade insista nas dimensões mais agressivas do homem e que, por sua vez, ao tratar da mulher, ponha ênfase em valores exclusivamente estéticos e em sua concepção como objeto de desejo sexual serve para deixar claro que a alguns setores importantes e poderosos da sociedade interessa outro tipo de mulher, diferente daquela que desejam as próprias mulheres (SANTOMÉ, 2008, p. 171).

A mesma autora ainda ressalta que “o discurso educacional tem que facilitar que as crianças de etnias oprimidas *ou qualquer outro grupo minoritário*, assim como as dos grupos dominantes, possam compreender as interrelações entre os preconceitos, [...] as estruturas políticas, econômicas e culturais dessa mesma sociedade” [grifo nosso] (SANTOMÉ, 2008, p. 170-171). Para Sousa (2006, p.579) a comunicação social, e entre seus meios, o cinema, modificou modos de fazer e pensar, gerando modas, comportamentos, relações entre outras perspectivas e relações sociais.

E entre as discussões e argumentações que começam no terreno do senso comum, percebendo o que está na obra até perspectivas mais científicas, respaldadas por literaturas mais complexas e autores que indagam os objetos representados de diferentes formas, que vai se percebendo como o cinema é uma obra aberta para que professores/as e alunos/as possam discutir e elaborar os conceitos da mídia. A discussão feita por Santomé (2008) exemplifica uma das visões que podem ser trabalhadas com o auxílio da obra cinematográfica.

As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação. Entre essas culturas

ausentes podemos destacar as seguintes: as culturas das nações do Estado espanhol; as culturas infantis, juvenis e da terceira idade; as etnias minoritárias ou sem poder; o mundo feminino; as sexualidades lésbica e homossexual; a classe trabalhadora e o mundo das pessoas pobres; o mundo rural e litorâneo; as pessoas com deficiências físicas e/ou psíquicas; as vozes do Terceiro Mundo (SANTOMÉ, 2008, p. 161-162).

Muitas vezes pouco observadas ou até mesmo invisibilizadas pelo processo de tolerância, as diferenças sociais, culturais e de classe são muito importantes para que o aluno compreenda outros conteúdos e possa colaborar para a elaboração de novos conceitos, contribuindo para o processo de ensino e de aprendizagem. Retomamos a citação feita por Santomé (2008) “a instituição escolar deve ser entendida não apenas como o lugar onde se realiza a reconstrução do *conhecimento*, mas, além disso, como um lugar onde se reflete criticamente acerca das *implicações políticas* desse conhecimento” (APPLE, 1987; GIROUX, 1989; TORRES, 1991 apud SANTOMÉ, 2008, p. 176) para compreendermos a necessidade de se pensar os contextos de diferença no espaço escolar, criando oportunidades de visibilidade e debates de assuntos que sejam pertinentes para a formação do indivíduo preparado para uma argumentação baseada em conhecimentos científicos e capazes de analisar os contextos de produção e as representações feitas nas diferentes mídias.

Neste artigo, utilizaremos a obra cinematográfica *A excêntrica família de Antônia* como análise dos contextos que relacionam o gênero feminino e o meio ambiente e suas representações. Entretanto, outras obras e outros meios de comunicação podem ser úteis a esta discussão da inserção da mídia no espaço escolar e do uso destes processos midiáticos para a compreensão dos poderes que circulam nos discursos tratados por esses meios, bem como orientar futuras pesquisas acerca da complexidade que esta temática envolve.

## 2. GÊNERO E MEIO AMBIENTE: POSSÍVEIS ABORDAGENS

A atual conjuntura nos mostra um cenário depreciativo quando se considera o elo estabelecido entre a esfera social e, portanto, humana, e aquilo que se vê como o espaço em que esta circunda. Tal relação é explicada em parte pelo modelo que rege a

organização do pensar e agir, ou seja, o paradigma da ciência. É preciso levar em conta, que a ciência possibilita o acesso aos bens naturais por meio da depredação do espaço natural e, ao fazendo isso, desloca também para a vida social as razões de ser da subordinação de uns aos interesses de outros (DI CIOMMO, 1999 p. 56). Uma radicalização no viés homem-natureza leva então, a mudança na “ética do ambiente”, o qual teria início não somente em outra forma de percepção, como também na epistemologia da ciência. A problemática ambiental, que atinge um nível cada vez mais alarmante e garante suas origens no fluxo exacerbado de recursos naturais pela população humana, provocou nesse sentido, uma imensa gama de respostas pautadas em movimentos populares e que assume por referência coletiva, o movimento ambientalista. Os anos 70 iniciaram um período em que tanto forças étnicas como das minorias eclodiram para reivindicação de direitos, entre eles o ecologismo. Devido a este crescimento, tal organização passou a incorporar militantes de outros movimentos para ganharem força nas políticas partidárias. Levando em conta a intervenção dos militantes de gênero, que dentre outras propostas criticavam aos cientistas da ecologia dominados pela visão masculina, Di Ciommo (1999) nos informa:

Para as feministas, a discussão dos problemas ambientais, os princípios da ecofilosofia e as propostas da ecologia profunda lançaram as sementes da polêmica em torno da busca de melhor qualidade de vida, perpetuando-se os papéis femininos do modelo de família patriarcal, ao mesmo tempo em que muitas feministas, abraçando os ideais ambientalistas, passaram a ampliá-lo com proposições que pedem novas relações sociais de gênero para que se possa alcançar novos padrões na relação entre humanidade e natureza (DI CIOMMO, 1999, p. 67-68).

No entanto, muitas vezes os ideais calcados em bases filosóficas já foram apresentados e discutidos pela humanidade, e, os problemas que envolvem o homem e seu ambiente ainda figuram, inclusive os de gênero. Para Fox (1995) ainda há conceitos que discriminam os seres não-humanos calcados numa perspectiva voltada ao imperialismo, etnias e raças, classes sociais e gênero, mesmo depois dos movimentos filosóficos, sociais e políticos terem mostrado a existência de tais discriminações. Para o autor, a questão de gênero não se configura como especialmente ligada à discriminação da natureza, representando mais um problema social entre seres humanos, como tantos outros. Carvalho (2006) expressa possíveis motivos que disseminam uma visão de

mundo natural, como os apresentados nos documentários de *Jacques Cousteau* e *National Geographic*. Para a autora, a midiaticização de Meio Ambiente tal quais os exemplos citados, converge numa visão “naturalizada” a qual tende a ver o mundo com uma visão essencialmente biológica, ou seja, autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano, sendo que, quando esse foco aparece, a presença humana é tida como problemática e nefasta para a natureza. A ação de separar no movimento, homens e mulheres é uma dificuldade do movimento (CASTRO; ABRAMOVAY, 1997, p. 62). A superação das estigmatizações socialmente impostas é uma recomendação válida na perspectiva contemporânea, uma vez que quando se considera a posição feminina, levantam-se instantaneamente discussões acerca dos direitos iguais. Um aspecto interessante a ser ressaltado, é que a implementação política da Agenda 21 visa atender todos os grupos importantes. A Agenda lembra que a comunidade das Nações Unidas adotou diversos planos de ação para integralizar a mulher de forma equitativa nas atividades relativas ao desenvolvimento, em particular as Estratégias Prospectivas de Nairóbi para o Progresso da Mulher, de 1985, plano que dá ênfase ao papel feminino no manejo nacional e internacional dos ecossistemas e no controle da degradação ambiental (BARBIERI, 2009, p. 130). Em um momento em que as mulheres rompem com os paradigmas patriarcais e passam a buscar o trabalho remunerado fora de casa, quer por pressões econômicas, quer por satisfação própria, o longa aborda essa ótica trazendo à tona o papel feminino na família de Antônia (Willeke van Ammelrooy) ao cuidar de sua fonte de subsistência, a fazenda. A preparação dos bens necessários à auto-suficiência deve e envolvem os trabalhos femininos domésticos, o que traz implicitamente, uma proposta para um futuro mais próximo do que se entende por ecologicamente sustentável, mostrando que antigas culturas se mantiveram sustentáveis, assim como civilizações, durante séculos. Estas são baseadas numa ontologia do feminino como princípio vital, e numa ontológica continuidade entre sociedade e natureza – a “humanização da natureza e a naturalização da sociedade” (Shiva, 1992 *apud* Di Ciommo, 1999, p. 49). Ao fazer relação entre sociedade e natureza sob a ótica de caminhos alternativos para a sustentabilidade, Di Ciommo (1999) nos informa:

Para as feministas, a discussão dos problemas ambientais, os princípios da ecofilosofia e as propostas da ecologia profunda

lançaram as sementes da polêmica em torno da busca de melhor qualidade de vida, perpetuando-se os papéis femininos do modelo de família patriarcal, ao mesmo tempo em que muitas feministas, abraçando os ideais ambientalistas, passaram a ampliá-lo com proposições que pedem novas relações sociais de gênero para que se possa alcançar novos padrões na relação entre humanidade e natureza (DI CIOMMO, 1999, p. 67-68).

Finalmente, concordamos que a inter-relação existente entre as duas esferas de movimentos sociais, que tratam de gênero e meio ambiente, são complexas e se expressam hora convergindo; hora divergindo, dependendo das linhas de pensamentos consideradas. Exemplo disso é que muitas feministas criticaram a “ecologia profunda” (*Deep Ecology*), como pensamento ecológico radical que não adota a perspectiva de gênero (Di Ciommo, 1999, p. 75). Cuomo (1994) citado por Di Ciommo (1999) ressalta que este movimento ocorreu popularmente na Europa e Estados Unidos

[...] especialmente entre brancos, a classe média, ativistas ambientais masculinistas e acadêmicos. Ao contrário do ecofeminismo, que destaca as ligações entre a opressão da mulher e a degradação do meio ambiente, bem como outras formas de opressão, a ecologia profunda restringe a solução dos problemas ambientais unicamente à maneira como seres humanos concebem e interagem com o meio ambiente (CUOMO, 1994, p. 92).

### 3. GÊNERO: CONCEITUANDO O DEBATE

Neste artigo, o maior enfoque está na relação entre o cinema, o gênero, o meio ambiente e a educação. Por agora faremos algumas abordagens acerca do gênero. Este último termo começou a ser utilizado, segundo Braga (2010), “justamente para marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física e biológica” (BRAGA, 2010, p. 205). Desta forma, podemos pensar que o gênero nos revela algo a mais, uma idéia de vivência e características sociais.

Devemos lembrar que por ser uma construção social, a idéia de homem e mulher pode variar. Cada cultura aborda de determinada forma. A respeito dessa concepção, Braga (2010) nos afirma que



## II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111  
www.sies.uem.br

É importante enfatizar essa distinção de conceitos (biológico x cultural) porque, como não se trata de fenômeno puramente biológico, ocorrem mudanças na definição do que é ser homem ou mulher ao longo da história e em diferentes regiões e culturas. Desse modo, se as relações homem e mulher são um fenômeno de ordem cultural, elas podem ser transformadas (BRAGA, 2010, p. 206).

No filme o qual estamos analisando, percebemos que a figura masculina é inferiorizada. Sobressai a figura da mulher. Mulheres com caracterizações diferentes umas das outras. Mulheres fortes, mulheres frágeis, mulheres sábias, mulheres autônomas, etc. A história, que se tornou filme, ainda no ano de 1995, já quebra os paradigmas acerca das características femininas. Os estereótipos não aparecem durante a criação do enredo. Percebe-se que não há espaço somente para a mulher frágil, dócil, gentil.

Podemos, também, abordar o tema do patriarcado. Quando falamos em patriarcado, lembramos da figura ausente da mulher nas decisões e vivências familiares, sobressaindo o papel do homem. Sobre essa relação, observa Lobo (s/d)

Gradualmente, ele [o patriarcalismo] institucionalizou os direitos dos homens para controlar e se apropriar dos serviços sexuais e reprodutivos das mulheres', estabelecendo formas de dominação, tais como a escravidão e instituindo um sistema funcional complexo de relacionamentos hierárquicos, tecendo um verdadeiro sistema de idéias. A partir desta ordem social e ideológica, o homem se estabeleceu como a norma, e a mulher como desvio. (LOBO s/d). (Grifos nossos).

No filme, percebemos que a idéia de patriarcalismo não é forte. As mulheres representadas conseguem instituir uma família sem ter como principal a presença de um homem.

Ao pensarmos em ações de homens e mulheres, infelizmente, na maioria das vezes, as pessoas ligam tais ações à heteronormatividade. Devemos nos desligar desta prática, visto que padronizar ações humanas sempre exclui a grande maioria dos sujeitos. Henriques; Brandt; Junqueira; Chamusca (2007) discutem esse assunto afirmando que:

Ao longo dos processos de construção dos gêneros e das relações que se estabelecem em função disso, são praticamente onipresentes as injunções da heteronormatividade, com seus mecanismos de controle, policiamento e censura referentes a gênero e sexualidade (HENRIQUES; BRANDT; JUNQUEIRA; CHAMUSCA, 2007, p. 17).

Voltando ao nosso enfoque e caracterizando a relação do gênero com a escola, afirmamos que este é um assunto muito recente no campo educacional. Henriques; Brandt; Junqueira; Chamusca (2007) apontam que:

As preocupações em torno [...] de gênero também são novas no espaço escolar. No entanto, no Brasil, só a partir da segunda metade dos anos de 1980, elas começaram a ser discutidas mais abertamente no interior de diversos espaços sociais – entre eles a escola e a universidade (HENRIQUES; BRANDT; JUNQUEIRA; CHAMUSCA, 2007, p. 12).

Quando nos retratamos a discutir as diferenças de gênero, estamos nos remetendo a um vasto campo de conceitos e idéias. Pensando assim, ao enfatizarmos o assunto “[...] não se fala apenas de *macho* ou *fêmea*, mas de *masculino* e *feminino*, em diversas e dinâmicas *masculinidades* e *feminilidades*” (HENRIQUES; BRANDT; JUNQUEIRA; CHAMUSCA, 2007, p. 16). Várias são as características vinculadas às palavras “masculino” e “feminino”. Conceitos estes que, quando não bem interpretados, são utilizados erroneamente.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades domésticas não podem ser abandonadas ou mesmo relegadas, e aparecem em cena como fator primordial para o desenvolvimento familiar no enredo de “A excêntrica família de Antônia”. A consciência ecológica converge num impasse a que o modelo consumista conduz, e são poucos os que voluntariamente optam, ou têm a oportunidade de o fazer, por um modelo sustentável de produção, o qual é representado num modelo em pequena escala próprio ao ambiente doméstico e a família que estão à

margem do espaço urbano. Nesse sentido, um novo estilo de vida emerge no papel feminino da economia de subsistência: uma vida ecologicamente equilibrada, a qual envolve relações mais igualitárias entre os gêneros, fazendo parte das mudanças sociais, que se modificaram e ainda estão se efetivando em perspectivas de tecnologias mais brandas, menos poluentes que se ligam a novos hábitos de consumo. No entanto, tais possibilidades de implementação ligadas ao ambientalismo, se não adotarem um enfoque de gênero que atenda aos interesses e necessidade específicas das mulheres, possibilitam o reforço do modelo patriarcal, o qual não faz alusão alguma a preocupações ecológicas, retratando duas limitações: o fato de estar historicamente relacionado à dupla dominação, a do gênero feminino e da natureza. Outro ponto cuja pretensão é ser quebrada é o fato de que nas grandes discussões acerca das temáticas ambientais, considerando o contexto de jornais, revistas populares, relatórios governamentais etc., há termos antropocêntricos, que fomentam perpetuar visões arrogantes de se colocar o ser humano no centro, desvinculando-o de outras criaturas, estando figurativamente colocado no alto da escala evolutiva. Uma forma de criar uma epistemologia que favorece uma nova visão não discriminatória é por meio da educação, a qual por sua vez, desempenha papel fundamental quando leva os sujeitos a pensarem criticamente diante do paradigma social, na medida em que lhe oferece subsídios capazes de mitigar as acentuadas desigualdades em seus mais diversos setores sociais.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, D.; SOARES, R. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

BRAGA, E. R. M. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia. In: CARVALHO, E. J. G.; FAUSTINO, R. C. (org.). **Educação e Diversidade Cultural**. Maringá: Eduem, 2010.

CORDEIRO, Paula. **A definição do sujeito no cinema**. Os Dias Estranhos do Cinema ou a inconstância do eu e do outro nas personagens e no encontro entre o mundo real e a ficção. Disponível em: Acesso em: 03/12/2010.

DI CIOMMO, Regina Célia. **Ecofeminismo e Educação Ambiental**. São Paulo, 1999. Editora Cone Sul, Editora UNIUBE.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FOX, Warwick. **Toward a Transpersonal Ecology – Developing New Foundations for Environmentalism**. Dartington: Green Books, 1995.

HENRIQUES, R. BRANDT, M. E. A.; JUNQUEIRA, R. D.; CHAMUSCA, A. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Caderno SECAD. Brasília: SECAD/MEC. Maio de 2007.

LOBO, Luiza. A Gênese da Representação Feminina na Literatura Ocidental: Bíblia, Cabala, Idade Média. In: **Revista Mulheres**. Disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulheres/VOLUME1/13lobogenese.html](http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/VOLUME1/13lobogenese.html)>. Acesso em 02 mar. 2011.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas nos currículos. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Mídias**. 2. ed. Porto, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br> Acesso em: 03/12/2010.